

CAPÍTULO 4 – Um caipira no *Harlem Renaissance*: Monteiro Lobato³¹

Vanete Santana-Dezmann

As estrelas brancas não são menos encantadoras sendo escuras
Cullen³²

Nos Estados Unidos, após a Guerra de Secessão (1861-1865), muitas pessoas que haviam sido escravizadas emigraram dos estados sulistas para os estados do norte. Com o passar do tempo e a chegada de uma nova geração, a situação tende a mudar. Os cidadãos norte-americanos de etnia negra se organizavam em torno de associações que defendiam direitos iguais aos dos cidadãos de etnia branca, tais como a “National Association for the Advancement of Colored People” (NAACP – Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor); “National Urban League” (NUL – Liga Nacional Urbana) e “Madam C. J. Walker’s National Association” (Associação Nacional da Madam C. J. Walker).

Escolas regulares, universidades e instituições diversas que ofereciam cursos profissionalizantes para os cidadãos da etnia negra começaram a ser criadas, inclusive para as mulheres, possibilitando que se tornassem, por exemplo, professoras, enfermeiras e cabeleireiras – “Lelia College”; “Daytona Normal and Industrial Institute for Negro Girls”; “Tuskegee Institute” e “Fisk University” são apenas alguns exemplos. Dentre as mulheres negras, surgiram também feministas, tal como Fannie Barrier Williams, que, mais do que lutar pelos direitos dos cidadãos “de cor”, como se autodenominavam à época, exigiam para as mulheres direitos iguais aos dos homens e denunciavam a preferência de homens negros por mulheres de pele mais clara como um comportamento racista: “há homens em nossa própria raça, e eles são uma legião, que preferem se casar com uma mulher por sua cor do que por seu caráter.”³³

No fim do século XIX, uma filha de ex-escravizados que não teve acesso à educação e recebia um dólar e meio por dia de trabalho como lavadeira tentava criar sua filha adolescente enquanto convivia com a pobreza, falta de perspectivas e a baixa autoestima provocada pela queda de cabelos. Trata-se de Sarah Breedlove. Ela abriu sua primeira “fábrica” em casa, produzindo artesanalmente uma pomada para cabelos crespos. Tal como sua concorrente Annie Minerva Turnbo, logo Miss Breedlove se tornaria milionária. Quando ela morreu (1919), entre seus bens constavam fábricas, escritórios, salões de beleza, casas, prédios de apartamentos, carros, móveis com *design* exclusivo, obras de arte, peles, diamantes e outras joias no valor total de aproximadamente 9 milhões de dólares em valores atuais. Sua residência ficava em Irvington, em Nova Iorque, onde tinha como vizinhos milionários como a família Rockefeller.

³¹ O tema abordado neste capítulo se encontra detalhado no livro *Entre metafísica, distopia e mecenato*, que publiquei em julho de 2021.

³² O poema se encontra na íntegra, com tradução minha, na abertura deste livro.

³³ BUNDLES, A’Lelia. *On her own ground – The life and times of Madam C. J. Walker*. New York: Simon and Schuster Inc., 2001, p. 63.

Seu falecimento foi noticiado tanto pela imprensa voltada para a comunidade negra quanto pelos principais jornais da época, inclusive pelo *The New York Times*, *Le Figaro* e *La Liberté*. O artigo enviado pela “Associated Press” às redes de rádios e jornais a apresentava como “a mulher mais rica do mundo”, que acumulara “uma fortuna de mais de um milhão de dólares (valores da época) com a venda de um ‘restaurador capilar’”³⁴. Mais do que criar um império nesse segmento, Sarah Breedlove, a Madam C. J. Walker, lutou pela elevação do status social da comunidade negra norte-americana ao financiar associações de defesa de direitos igualitários e instituições de ensino para cidadãos negros e ao oferecer trabalho para mulheres negras. A despeito disso, pairava sobre sua imagem a ideia de que ela promovia o alisamento capilar – isso era mal visto por uma parcela da comunidade negra e ridicularizado por muitas pessoas brancas. W. E. B. Du Bois, presidente da NAACP, tentou corrigir a falsa imagem negativa que a imprensa criara para ela: “É dado a poucas pessoas o poder de transformar um povo em apenas uma geração. No entanto, isso foi feito pela falecida Madam Walker”³⁵. Ele também ressaltou a importância do tratamento capilar para a fixação de bons hábitos de higiene e elevação da autoestima das mulheres negras. Mesmo assim, nas décadas que se seguiram, Madam C. J. Walker se tornou sinônimo de alisamento de cabelo. A despeito disso, ou justamente por isso, a Madam C. J. Walker Company se tornou uma sólida indústria, chegando até o ano de 1981.

Sua filha, Lelia, cresceu com a mesma desenvoltura que os negócios da mãe. Ela começou trabalhando na manufatura e comercialização dos produtos; tornou-se cabeleireira no primeiro salão que elas inauguraram; instrutora para as novas. Quando a Madam C. J. Walker faleceu, Lelia estava cuidando dos negócios na América Central. Então ela retornou para Nova Iorque, decidiu se casar e se dedicar mais aos negócios do que aos saraus literários frequentados pelos principais intelectuais e artistas de dentro e de fora dos EUA. Nesta época, Lelia já havia se tornado a mulher bem-sucedida e amante das artes que mudaria Nova Iorque. Seu casamento com Wiley Wilson (6 de junho de 1919) durou até novembro de 1921. Após a separação, ela passou 5 meses viajando pela Europa, África e Oriente Médio. Sua viagem foi coberta pela imprensa e ela foi recebida nos locais mais requintados por onde passou.

Enquanto ainda estava em Paris, Lelia reatou o romance com o antigo namorado James Arthur Kennedy. Eles se casaram em 1º de maio de 1926, mas ele continuou morando em Chicago, onde dirigia o hospital do Tuskegee Institut e ela em Nova Iorque. Por essa época, a concorrência no mercado dedicado a produtos de tratamento para cabelos crespos cresceu muito devido ao fortalecimento de empresas como a Poro Company (de Annie Minerva Turnbo), Apex Company (de Sarah Spencer Washington) e Overton Hygienic Company (de Anthony Overton). Lelia quase não via seu marido. Ela também não conseguia se interessar mais pelos negócios do que pelas atividades culturais. Mas ela passou a integrar o conselho de várias organizações (da NAACP e NUL, por exemplo) e as sustentava economicamente, além de sustentar financeiramente as organizações que sua mãe havia definido em testamento.

Foi ainda em 1922 que ela mudou seu nome para A’Lelia. A partir desse momento, ela assumiu definitivamente a aura – e deveres – de uma verdadeira

³⁴ Ibidem, p. 275.

³⁵ Ibidem, p. 276.

e pródiga mecenas das artes, com especial destaque para a literatura. Villa Lewaro e seu apartamento localizado sobre o Walker Hair Parlor se tornaram os principais pontos de encontro de romancistas, poetas, dramaturgos, editores, atores, músicos e dançarinos em uma época em que o Harlem se abria para novas formas de arte e todo tipo de liberdade, cristalizando um movimento cultural e social genuíno conhecido como “Harlem Renaissance”.

Até a Guerra de Secessão, a maioria dos negros dos Estados Unidos vivia nos estados do sul, predominantemente agrários. Após esta guerra, vários deles se mudaram para os estados do norte, onde a principal ocupação exercida pelos homens foi a de barbeiro e a principal atividade exercida pelas mulheres foi a de empregada doméstica. O início da primeira guerra mundial dificultou a imigração de europeus para os EUA e, ao mesmo tempo, incrementou a produção industrial das fábricas. As novas vagas abertas atraíram cada vez mais homens negros, ocasionando uma migração maciça do sul para o norte. Assim surgiram simultaneamente os grandes centros urbanos – Chicago, Detroit, Buffalo e Nova Iorque – e as grandes comunidades de negros que os alimentavam. Este evento socioeconômico é conhecido como a “Grande Migração”. A região que mais os atraiu, porém, foi o Harlem, que se tornaria a “Meca dos afro-americanos do mundo” nos anos 20 e 30.

No plano sociopolítico, enquanto alguns líderes negros – Marcus Garvey, por exemplo – defendiam que as pessoas afro-americanas deveriam voltar para a África, outros – Du Bois (presidente da NAACP) e Charles W. Johnson (presidente da NUL), por exemplo – defendiam que elas deveriam se integrar à sociedade norte-americana.

No plano sociocultural, os “Novos Negros” criaram no Harlem um movimento cultural até então inaudito que se manifestou na música (*jazz*), literatura e artes plásticas. Muitos músicos, artistas e escritores negros foram atraídos para o vibrante “bairro negro”. A explosão resultante da criatividade autoconsciente afro-americana passou a ser conhecida como “Harlem Renaissance” e teve profundo impacto no desenvolvimento subsequente das artes nos EUA.³⁶

As festas do Harlem eram extremamente variadas. Havia, por exemplo, a festa de “apartamento buffet”, que ocorria em apartamentos privados regada a muita bebida. Os “apartamentos buffet” surgiram no fim do século XIX para alojar viajantes negros que não encontrassem hospedagem nos hotéis de proprietários brancos. Nos anos 1920, tornaram-se um ponto de encontro frequentado por celebridades como Cole Porter e Cary Grant – atores brancos.

O tipo mais comum, porém, era a “festa de aluguel”. Tal como o *blues*, as “festas de aluguel” chegaram aos estados do norte com a “Grande Migração”. No caso do Harlem, poucos dos novos moradores pertenciam à classe média ou alta e dar uma “festa de aluguel” era um meio de angariar recursos. Neste caso, um morador simplesmente alugava sua casa por uma noite a alguém que queria dar uma festa. Uma variação desta modalidade eram as festas organizadas pelo próprio morador, que cobrava ingresso dos convidados. Enquanto o jazz era tocado na sala, bebidas eram vendidas na cozinha. Assim, em qualquer noite de sábado, dezenas de festas em que os participantes não conheciam os anfitriões eram oferecidas no Harlem.

³⁶ Cf. GARBER, E. *A Spectacle in Color: The Lesbian and Gay Subculture of Jazz Age Harlem*. Website *American Studies at the University of Virginia*.

Além disso, as noites do Harlem também eram animadas por saraus de literatura. Os mais requintados saraus literários eram os oferecidos por A'Lelia nas noites de quinta-feira na Villa Lewaro, mas os saraus improvisados em seu apartamento no Harlem eram os mais famosos. Dentre os frequentadores habituais de Villa Lewaro, encontravam-se seus amigos mais próximos, com destaque para Carl Van Vechten, famoso escritor, crítico de música e fotógrafo branco, colega do tradutor e crítico literário Isaac Goldberg – que já havia publicado contos de Lobato³⁷ e inclusive uma curta biografia³⁸ do autor – e do principal editor de literatura da época, Alfred Abraham Knopf, que publicou a biografia.

Os bailes de máscara do Harlem, populares entre os homossexuais brancos e negros, eram frequentes e os mais famosos dos EUA, recebendo expectadores de Boston, Filadélfia, Pittsburgh e até de Atlantic City, além de grande parte da vanguarda branca nova-iorquina e *la crème de la crème* da sociedade local. Os principais bailes de máscara ocorriam no Royal Palace Rockland (com seis mil lugares) e no clube Savoy Ballroom, que promovia um concurso de beleza em que travestis vestidos como rainhas disputavam o título de “Rainha do Baile”.

Por fim, havia no Harlem diversos tipos de clubes. O tipo mais popular entre 1920 e 1933, período em que o comércio de bebida alcoólica esteve proibido (Lei Seca) era o *speakeasy*, uma espécie de *pub* frequentado por pessoas de diferentes etnias, classes sociais e orientações sexuais. funcionárias e fundadora de uma rede de escolas profissionalizantes. Em 1913, Lelia se mudou para Nova Iorque, onde construiu o palacete Villa Lewaro (em Invergrton) e instalou o mais luxuoso salão de cabelo dos EUA, o Walker Hair Parlor (no Harlem).

No Harlem havia também clubes frequentados por travestis, como a Edmond's Adegas e o Lulu Belle's. Já os homossexuais negros mais requintados se encontravam na Hot Cha. A Clam House, porém, era o mais famoso ponto de encontro dos homossexuais. Nos palcos destes locais, várias mulheres negras bissexuais e lésbicas encontravam liberdade e aceitação – Josephine Baker, por exemplo. A'Lelia, também bissexual, de seu trono em Villa Lewaro regia o mundo das artes, proporcionando a homens e mulheres negras possibilidades no mundo dos espetáculos e da literatura até então inimagináveis. Ela era a parte mais ativa do animado e glamoroso movimento “Harlem Renaissance”. Ela se sentia confortável entre a multidão de artistas que a cercava. Como anfitriã da elite cultural do Harlem, A'Lelia finalmente havia encontrado seu lugar. “Ela parecia uma rainha e frequentemente agia como uma tirana”, escreveu seu amigo Van Vechten, o romancista e ex-crítico de arte que interpretou o Harlem para outros brancos do centro de NY. “Ela era alta, negra e extremamente bonita em seus modos africanos. Frequentemente se vestia de preto. Quando ela assumia trajes mais régios, ricos brocados de ouro ou prata, sua nobre cabeça presa em um turbante, ela era um espetáculo magnífico.”³⁹

Dentre os marcos inaugurais do movimento “Harlem Renaissance”, cita-se a estreia na Broadway, em 1921, da primeira comédia musical totalmente negra, estrelada por Josephine Baker: *Shuffle Along*.

Esperava-se que esta revolução cultural na esfera da literatura, música e artes plásticas estreitasse as relações inter-raciais nos Estados Unidos, executando a tarefa

³⁷ Inseridos em *Brazilian Short Stories*, livro publicado em 1925.

³⁸ Inserida em *Brazilian Literature*, livro publicado em 1922.

³⁹ Bundles. Op. cit., 2001, p. 282.

que a política não conseguira executar. Tal objetivo foi ao menos parcialmente alcançado na Nova Iorque da década de 20, em grande parte, graças aos auspícios de A'Leia. Em sua lista de convidados frequentes se encontravam tanto pessoas negras quanto brancas. Dentre os convidados internacionais, aparecem, da França, a princesa Violette Murat; da Inglaterra, o II Visconde Churchill; da Rússia, o príncipe Basil Mirski; da Libéria, o Presidente C. D. B. King e até alguns membros da família Rothschild.

No início de 1926, A'Leia passou a se mover tão livremente entre seus conhecidos brancos do centro de NY quanto entre seus amigos negros do Harlem. Mas poucos amigos, brancos ou negros, eram tão próximos dela no final dos anos 1920 quanto o já referido Carl Van Vechten.

Até os quarenta anos de idade, Van Vechten havia sido um crítico de música bastante conhecido em Nova Iorque, mas em 1922 passou a se dedicar à literatura. Filho de um dos financiadores da “Piney Branch School”, uma escola para crianças negras no Mississippi, Van Vechten se orgulhava de não ter preconceitos e viver em um ambiente de harmonia racial que desejava que alcançasse a sociedade em geral. Portanto, não é de se surpreender que tivesse se dedicado a divulgar os artistas do “Harlem Renaissance”. Não se tratava simplesmente de uma questão de preferência estética; ele gostava mesmo das pessoas. Em seu apartamento, prevaleceu uma amizade racial – e sexual – quase utópica, com *bons vivants* de todas as cores bebendo e dançando juntos mesmo nos dias de semana. Por isso ele se tornou sinônimo do que foi classificado como “negrofilia” na época, ao ponto de os turistas curiosos que vagavam pelo Harlem serem chamados de “van-vechtening”⁴⁰.

No contato com os amigos negros em suas frequentes incursões pelo Harlem e nas festas que oferecia em seu apartamento, Van Vechten encontrou inspiração para escrever *Nigger Heaven*, seu quinto romance, publicado em agosto de 1926 pelo editor Alfred Abraham Knopf.

O livro *Nigger Heaven* é um melodrama sobre as características mais lúgubres da vida do Harlem. Seu título vem de uma expressão pejorativa usada por algumas pessoas brancas para se referirem à galeria dos teatros, cujos assentos – menos confortáveis – eram reservados para as pessoas negras, que eram proibidas de se sentarem ao lado das pessoas brancas. Até o pai rotariano de Van Vechten se opôs ao título: “Se está tentando ajudar os negros, como eu tenho certeza de que está”, ele escreveu ao filho, “acho que cada palavra que você escreve deve ser respeitosa para com eles”⁴¹.

Van Vechten definitivamente não seguiu o conselho de Mr. Charles Duane Van Vechten. Tanto o título quanto o interior do livro são marcados por uma linguagem sarcástica e irônica. Mas a maior ironia é que Van Vechten emprega nas falas das personagens negras, femininas e masculinas, o dialeto característico dos negros do Harlem à época, ou seja, a linguagem sarcástica e irônica empregada por Van Vechten foi criada justamente no interior da comunidade negra do Harlem.

Nem por isso Knopf se recusou a publicar o livro *Nigger Heaven*, que não foi bem recebido por uma parte do público leitor negro, dentre o qual se destaca

⁴⁰ BAILEY, B. The Rage in Harlem. *The New York Times – Sunday Book Review*, New York, 21 fev. 2014.

⁴¹ Apud PFEIFFER, K. Introduction. In: VAN VECHTEN, C. *Nigger Heaven*. Champaign-Illinois: University of Illinois Press, 2000, p. XIV.

o próprio Du Bois, mas o fato de que este público leitor pudesse não gostar do livro também não constituiu empecilho em agosto de 1926 para a publicação.

A personagem principal, Adora, inspirada em A'Lelia, é assim descrita no livro⁴²:

Ela era inegavelmente calorosa, divertida em seu jeito franco e até bonita, de uma maneira régia africana que a distinguia das outras belezas negras, frequentemente de caráter mais latino do que etíope.⁴³

A ousadia de Van Vechten e Knopf foi bem recompensada. A primeira edição de *Nigger Heaven* colocou 16 mil exemplares nas livrarias, que logo se esgotaram. Para conseguir saciar o público, 13 novas edições foram sucessivamente despejadas no mercado. *Nigger Heaven* se tornou o primeiro best-seller da história do livro nos EUA e é até hoje o romance mais lido do movimento “Harlem Renaissance”. Imediatamente após a primeira edição, foi traduzido para dez idiomas e tornou A'Lelia a mulher mais famosa e comentada de Nova Iorque dentro e fora dos EUA. Quanto ao tema principal do livro, resumia-se a uma discussão sobre a “questão negra” – o que fazer com os negros nos EUA após o fim do sistema escravocrata, quando eles haviam se tornado um problema já que, de acordo com parte da comunidade branca, eles não eram mais “úteis” ao sistema. Este fato também não impediu a publicação do livro.

Em outubro de 1927 A'Lelia abre ao público em geral os saraus improvisados em seu apartamento, inaugurando sobre o Walker Hair Parlor o clube “Dark Tower”, um centro cultural informal para jovens artistas e seus apreciadores brancos e negros onde se podia desfrutar de requintada culinária. A “inauguração” foi um sucesso e reuniu mais de uma centena de pessoas. Em uma das paredes, sobre o fundo dourado, o poema premiado de Langston Hughes “The Weary Blues” aparecia em letra caprichada. Na parede oposta, um tradicional soneto intitulado “From the Dark Tower”, do jovem poeta Countee Cullen, anunciava as vozes emergentes dos escritores negros.

Na autobiografia *The Big Sea*, publicada em 1940, Hughes se refere a A'Lelia como “the joy goddess of Harlem’s 1920s”.

No livro *Remember Me to Harlem - The Letters of Langston Hughes and Carl Van Vechten, 1925-1964*, publicado pela editora de Knopf – encontramos referência ao próprio Alfred A. Knopf, certamente uma das figuras mais importantes para o escritor e diplomata brasileiro José Bento Monteiro Lobato, que se instala em Nova Iorque em 1927 com os sonhos de ver seu “romance americano”, *O choque das raças ou O presidente negro, um romance do ano de 2228*, publicado nos EUA e de abrir lá uma editora para publicar os livros de autores brasileiros. Knopf foi provavelmente o primeiro editor a se negar a publicar seu romance.

Em uma carta datada de 13 de maio de 1925, Carl Van Vechten escreve a Langston Hughes⁴⁴:

Os poemas vieram esta manhã e eu voltei a vê-los. Seu trabalho tem uma sensibilidade tão sutil que melhora a cada leitura. Os poemas são muito bonitos e penso que o livro ganha muito com o novo arranjo e com o título.

⁴² VAN VECHTEN, C. *Nigger Heaven*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1926, p. 21.

⁴³ Todas as traduções que aparecem neste capítulo são minhas.

⁴⁴ BERNARD, E. B. (Org.). *Remember Me to Harlem - The Letters of Langston Hughes and Carl Van Vechten, 1925-1964*. New York: Alfred A. Knopf Inc., 1940, p. 7.

Knopf almoça comigo hoje e vou pedir-lhe que os publique e, se não o fizer, outro qualquer o fará. ...Permite-me fazer a introdução? Quero escrevê-la!
[...]

Carl Van Vechten
Quarta-feira

O tom de sua frase “vou pedir-lhe que os publique e, se não o fizer, outro qualquer o fará” tem muito a revelar. Primeiro, a proximidade entre Van Vechten e Knopf, conhecidos ao menos desde 1916; segundo, a influência de Van Vechten sobre o editor e, terceiro, a abertura do mercado editorial norte-americano para temas relacionados à cultura negra e à “questão negra”.

Em carta enviada a Langston no dia seguinte, Van Vechten conta que entregou seus quatro poemas a Knopf “com os devidos encantamentos”.

Carl Van Vechten para Langston Hughes, 14 de Maio de 1925⁴⁵

Nenhuma carta sua nesta manhã, caro Langston, tal como eu estava a me habituar a encontrar diariamente debaixo da porta! A minha notícia é a seguinte: ontem entreguei *The Weary Blues* a Knopf com os devidos encantamentos. Não me sinto particularmente cético quanto ao resultado: os vossos poemas são demasiado bonitos para escapar à apreciação. ...

Carlo
Quinta-feira

A carta se estende em um tom intimista que nos permite perceber a relação próxima e antiga entre o futuro editor de *O presidente negro*, Knopf, e Van Vechten, o melhor amigo de A’Lelia, a mecenas das artes em Nova Iorque cujos negócios se estendiam até o outro extremo dos EUA, Hollywood.

Qual editor norte-americano ousaria publicar um livro como *O choque das raças* ou *O presidente negro* e cair em desgraça com A’Lelia ao disseminar uma fortíssima propaganda contra seus produtos? – na segunda parte do romance, uma ficção científica, os homens negros dos EUA são esterilizados por meio de um processo de alisamento capilar.

Sob os auspícios de Madam C. J. Walker e Annie Minerva Turnbo, o acesso a cursos profissionalizantes e ao trabalho como culturistas da beleza da mulher negra e vendedoras foi oferecido a muitas centenas de mulheres negras, que ascenderam socialmente. Além disso, mais escolas para a comunidade negra foram criadas, organizações para defesa de direitos iguais entre cidadãos negros e brancos foram fortalecidas e outras tantas foram criadas. Sob os auspícios de A’Lelia, o movimento dos “Novos Negros” desabrochou no Harlem, dando origem ao período de efervescência conhecido como “Harlem Renaissance”. Este, por sua vez, misturou negros e brancos; héteros e homossexuais; capitalistas e socialistas, ricos e pobres naquele lugar ímpar. Quem afrontaria tudo isso, publicando um livro em que as personagens negras foram esterilizadas pelo alisamento capilar?

O problema do livro de Lobato, como fica claro, não se encontrava na temática nem no vocabulário – em tudo semelhantes a *Nigger Heaven*. Até a atuação de Lobato – quando publica no Brasil os contos “Os Negros” (data estimada: 1920) e “Negrinha” (1921); oferece emprego a autores negros em sua editora localizada em São Paulo e enaltece a nobreza de caráter dos negros e sua

⁴⁵ Ibidem, p. 8.

contribuição para a formação dos EUA em várias páginas do livro *O choque das raças ou O presidente negro* se parece muito com a atuação de Van Vechten.

Caso o “romance americano” de Lobato tivesse sido publicado nos EUA, Lobato poderia ter sido visto como um segundo Van Vechten em Nova Iorque. Porém *O choque das raças ou O presidente negro* se tornaria a pior propaganda que os negócios de A’Lelia e a comunidade negra norte-americana poderiam ter.

O Lobato ativista, que já tinha atacado o sistema escravocrata brasileiro e a violência com que os negros eram tratados no Brasil, ao dedicar seu “romance americano” à defesa dos negros dos EUA (ao começar o livro com a afirmação de que somos todos iguais e encerrá-lo com a defesa da manutenção de nossas características naturais), acabou por escrever um livro que, para A’Lelia, resumia-se a uma peça de propaganda contra o alisamento de cabelo. Logo, o editor que ousasse publicá-lo enfrentaria sérios problemas em seu meio.

Por outro lado, além de escritor, Lobato era um homem de negócios com aguçado tino comercial. No lugar de A’Lelia, também ele não permitiria a publicação do livro. Em outros tempos, antes dos Novos Negros e do “Harlem Renaissance”, seu “romance americano” talvez tivesse sido aclamado por Du Bois e pelo próprio Booker T. Washington (um dos mais importantes defensores dos afro-americanos na época) como primeiro libelo à superioridade dos integrantes da etnia negra e contundente protesto contra as injustiças a que eles eram submetidos. Porém, de acordo com a Madame C. J. Walker, até Booker T. Washington, a princípio refratário, teria se rendido à aplicação de sua pomada Wonderful Hair Grower. Além disso, o lugar e o papel do negro na sociedade norte-americana haviam mudado sensivelmente na década de 1920 graças à atuação das instituições de defesa dos direitos dos cidadãos negros e às atitudes de pessoas como Madam C. J. Walker, A’Lelia, Booker T. Washington, Du Bois e tantas outras.

A despeito de todas estas mudanças positivas, os linchamentos – de afro-americanos e de brancos, homens e mulheres – continuavam ocorrendo, embora em menor número e mais restritos aos estados do sul dos EUA. Mas a justificativa apresentada pelos editores norte-americanos que se recusavam a publicar o “romance americano” de Lobato⁴⁶ levava a se acreditar que os cidadãos norte-americanos brancos foram injustiçados na estória fictícia escrita por Lobato – embora muitos corpos negros ainda balançassem nas árvores lá fora e continuariam a balançar por mais quatro décadas. Lobato precisava acreditar na indignação dos editores – homens brancos – que se recusaram a publicar seu romance⁴⁷. Se o real motivo da recusa do romance era a indignação diante do papel que Lobato atribui aos homens brancos em sua ficção científica que se passa em 2228 ou se o motivo era o temor diante da reação de A’Lelia, o fato é que o livro não foi publicado nos EUA até hoje⁴⁸.

⁴⁶ “Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a sangue-frio o belo crime que sugeri.” Lobato, em carta a Rangel enviada de Nova Iorque e datada de 5 de setembro de 1927 (LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1944, p. 475-477).

⁴⁷ Diante das recusas que havia recebido de vários editores, Lobato contactou o editor-chefe da agência literária Palmer, William David Ball, para encontrar uma editora para seu romance. A carta que Ball lhe enviou contendo a análise que faz do romance e conselhos se encontra anexada ao final deste capítulo.

⁴⁸ A tradução de Ana Lessa-Schmidt sairá nos EUA em 2022 pela editora Librarium.

Com o passar do tempo, Lobato foi percebendo que jamais conseguiria entrar no mercado editorial norte-americano – nem como escritor, nem como editor.

No entanto, por meio de uma carta de Lobato a sua amiga Yaynha datada de 2 de outubro de 1928, ficamos sabendo que seu “romance americano” foi traduzido para o francês e publicado na *Revue de l'Amérique Latine* em setembro de 1928.

Analisando o livro, é possível notar que se trata de uma distopia – a estória mostra como alguns homens brancos integrantes de uma sociedade de pessoas moralmente e fisicamente perfeitas (graças à aplicação de técnicas eugênicas) esterilizou todos os homens negros desta sociedade para evitar que algum homem negro fosse novamente eleito para a presidência dos EUA. Como as pessoas desta sociedade resultavam de mais de um século de “aperfeiçoamento genético” e “purificação social”, estas pessoas não podiam mentir, matar nem descumprir leis como as previstas pela constituição do país. Quando um homem negro é eleito presidente dos EUA, o presidente em exercício e outros políticos, ao invés de atentarem contra as regras para impedir que o presidente eleito assumisse o poder, encontram um subterfúgio que leva à esterilização de todos os homens negros dos EUA. Desta forma, eles impedem que outro homem negro fosse eleito presidente no futuro. Ou seja, o resultado do aperfeiçoamento genético e moral proporcionado pela aplicação de métodos eugênicos é o pior possível: para não cometer um erro como mentir ou desrespeitar uma lei, as pessoas supostamente perfeitas fazem algo extremamente pior. A distopia se encontra justamente na focalização dos aspectos negativos de uma sociedade fictícia perfeita, por isso as distopias são atreladas à ficção científica.

Lobato, um escritor brasileiro nascido no interior do estado de São Paulo em uma pequena cidade dedicada à agricultura, desde cedo revelou seu interesse pelo desenvolvimento tecnológico e pela metafísica.

Em seu conto “Os Negros”, cuja estória se passa no Brasil no fim do século XIX, a personagem principal é um morto que se “incorpora” no amigo do narrador e, por meio desta personagem, conta como foi sua vida e como desencarnou ao ser assassinado. Em *O choque das raças ou O presidente negro*, cuja estória principal se passa nos EUA em 2228, a comunicação entre os mortos (desencarnados) e vivos (encarnados) passou por avanços tecnológicos. O *medium* (pessoa encarnada por meio da qual a pessoa morta fala) foi substituído pela linha “psicofônica” (similar à linha telefônica, mas que transmitia a voz de pessoas desencarnadas). Para receber a comunicação dos mortos, os centros espíritas (locais que começaram a se tornar populares no Brasil no início do século XX onde pessoas que recebiam mensagem dos mortos se reuniam) foram substituídos por uma agência denominada “Psychical Work Company”, demonstrando que o futuro seria dominado pelo capitalismo, que transformaria tudo em “companhias comerciais”. Também prevendo que o futuro seria dominado pela comunicação, as notícias recebidas do mundo dos desencarnados pela “Psychical Work Company” seriam divulgadas por meio do jornal *Intermundane Herald*.

Ainda prevendo um futuro dominado pelo avanço tecnológico, Lobato recheia as páginas de seu “romance americano” com aparelhos de alta tecnologia. Um deles podia filmar os sonhos de uma pessoa e depois transmiti-los à pessoa em forma de filme (o “teatro onírico”, imaginado antes da invenção do cinema falado e da televisão). No futuro imaginado por Lobato também há um aparelho complexo (formado por outros aparelhos menores conectados uns aos outros) que permite a

visão do futuro e do passado (o porviroscópio). Lobato também descreveu no romance aparelhos que hoje identificamos com o computador e a tecnologia que hoje identificamos como sendo a internet. Em sua estória, as personagens enviavam mensagens instantâneas (em formatos que hoje poderíamos correlacionar como e-mails e WhatsApp) e havia displays eletrônicos em locais estratégicos para divulgar informações de relevância social. Por meio desta tecnologia, as personagens de Lobato não precisavam ir até escritórios e outros ambientes de trabalho, elas trabalhavam em casa (home-office). Uma técnica cirúrgica avançada também é descrita no romance: o desdobramento anatômico. Por meio desta técnica, era possível que uma pessoa executasse uma série de tarefas com metade de seu corpo e outra série de tarefas com a outra metade. Esta técnica, porém, não havia alcançado sucesso. A personagem que sofrera o corte anatômico não tinha total controle sobre as duas metades de seu corpo. Isso revela que a intervenção artificial no corpo humano não produz bons resultados, o que está de acordo com a tese do livro segundo a qual a eugenia é negativa. Outra técnica desenvolvida pelas personagens de Lobato no futuro fictício e apenas supostamente utópico de seu livro é a “rádio-sensação”, explicada pelo autor como a “capacidade de sentir à distância”: por exemplo, a sensação provocada pelo tabaco no organismo e mente do fumante poderia ser experimentada sem a necessidade de se fumar o charuto.

Mais do que antecipar a televisão, a internet, o e-mail, o WhatsApp, o home-office e outras modernidades de que ainda não dispomos – o porviroscópio, a rádio-sensação, o teatro onírico, a linha psicofônica, a central para receber a comunicação dos espíritos, o jornal para divulgar notícias do mundo dos desencarnados e o desdobramento anatômico –, em seu “romance americano” Lobato antecipou em mais de três décadas a teoria das cordas, que os físicos só enunciariam na década de 1960. Em lugar da metáfora “cordas”, Lobato usou o termo já empregado pelos alquimistas da Antiguidade – éter – e assim enunciou a teoria: “A vida na terra é um movimento de vibração do éter, do átomo, do que quer que seja uno e primário, entende? [...] Força, éter, átomo: denominações arbitrárias de uma coisa una, que é o princípio, o meio e o fim de tudo. Por comodidade, chamarei éter a esse elemento primário. Esse éter vibra e, conforme o grau ou intensidade da vibração, apresenta-se-nos sob formas. [...] A vida, a pedra, a luz, o ar, as árvores, os peixes, a sua pessoa, a firma Sá, Pato & Cia.: modalidades da vibração do éter. Tudo isso foi, é e será apenas éter.”⁴⁹.

Mais do que enunciar a teoria das cordas, que afirma basicamente que a menor partícula do universo é uma corda e que todas as cordas que compõem o universo são idênticas, mas apresentam diferentes padrões vibratórios, percebidos como diferentes vibrações, Lobato ainda introduz a necessidade de que um “interferente” tenha feito as cordas vibrarem para que elas dessem origem ao universo: “Mas não há somente éter no mundo. Se só houvesse éter e fosse de sua essência vibrar, a vibração seria uniforme e tornaria impossível a manifestação de formas de vida. Seria o estatismo eterno. [...] A vibração do éter, pois, sofreu a interferência... [...] Sofreu a interferência do que, cá no vocabulário que criei com minha filha, chamo o Interferente. Isto de palavras não tem importância, como já disse. Só vale a ideia. O Interferente poderá para outros ter o nome de Deus,

⁴⁹ LOBATO, M. O choque das raças ou O presidente negro. In: SANTANA-DEZMANN, V. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021, p. 221.

por exemplo, ou de Vontade. Os filósofos que filosofam com palavras passam a vida a debater qual a melhor palavra a aplicar ao meu Interferente, como se palavras jamais esclarecessem alguma coisa.”⁵⁰.

No livro, ele também descreve como teorias sociais baseadas no uso pragmático da eugenia foram aplicadas à sociedade fictícia dos EUA ao longo de mais de um século até gerar a sociedade “perfeita” de 2228. Como parte desta prática, até uma cidade em que os bebês eram concebidos em uma atmosfera propícia à geração de pessoas de elevado padrão moral foi imaginada – Erópolis⁵¹. Nada disso evitou, porém, que, ao focalizar o aspecto nefasto da perfeição, esta ficção científica se revelasse uma distopia, pois a sociedade “perfeita” – formada à base da aplicação da eugenia – é revelada pelo romance de Lobato como monstruosa.

As primeiras distopias de que temos registro são *We*, romance escrito pelo russo Yevgeny Ivanovich Zamyatin entre 1920 e 1921, mas só publicado em 1924 em um jornal para imigrantes russos em Nova Iorque; *Brave New World*, escrito pelo inglês Aldous Huxley e publicado em 1931; *Nineteen eighty-four*, escrito pelo também inglês George Orwell e publicado em 1949, e *Fabrenheit 451*, escrito pelo norte-americano Ray Bradbury e publicado em 1953. *O choque das raças ou O presidente negro*, publicado entre 5 de setembro e 1 de outubro de 1926 em capítulos no jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro, e impresso em dezembro do mesmo ano em São Paulo pela Companhia Editora Nacional em forma de livro, encontra-se, portanto, entre as primeiras distopias da história da literatura.

Que “América” Lobato pintou em *O choque das raças ou O presidente negro* e foi lá encontrar?

Uma “América” que caminhava a passos largos na estrada do desenvolvimento tecnológico; em que a Constituição era respeitada acima de tudo; em que os negros alisavam o cabelo e usavam produtos que prometiam clarear a pele; em que brancos e negros interagiam, mas na qual o preconceito racial ainda persistia; uma América fruto do esforço de brancos e negros, mas onde não se admitiria que os negros assumissem o poder político; uma América onde a “questão negra” ainda predominava, a despeito de qualquer ascensão que os negros pudessem atingir. Com o passar do tempo, ao invés de chegar a um termo pacífico, a “questão negra” dos EUA se acirraria ainda mais, culminando nos protestos dos anos 60 liderados por Martin Luther King. Que influências o livro *O choque das raças ou O presidente negro* teria exercido sobre a história e mentalidade de negros e brancos nos EUA caso tivesse sido publicado jamais saberemos. Que lugar o livro teria no movimento “Harlem Renaissance” também não podemos imaginar. Mas podemos imaginar que Lobato, A’Lelia, Van Vechten, Alfred Abraham Knopf frequentavam os mesmos locais e se encontraram, ainda que por coincidência, em algum clube do Harlem, talvez até mesmo no “Dark Tower” – em algumas cartas publicadas Lobato relata seus passeios por clubes de Nova Iorque. Teriam sido eles apresentados por Isaac Goldberg? Alfred Knopf já havia publicado contos de Lobato nos Estados Unidos traduzidos e organizados por Goldberg. Havendo oportunidade, não teria Goldberg apresentado Lobato a Knopf? É bastante improvável que não o tivesse feito.

⁵⁰ Ibidem, p. 222.

⁵¹ Ibidem, p. 276-277.

Teriam eles conversado sobre o “romance americano” de Lobato? É bastante improvável que Goldberg (contato de Lobato nos EUA) não tivesse sido o encarregado de encontrar um editor para o livro. Também é bastante improvável que o primeiro editor procurado não tenha sido Knopf.

As perguntas são muitas e relevantes para a reconstituição de uma história até hoje obscura, não explicada e incompreendida.

Anexos

1. Carta datada de 17 de novembro de 1927 de William David Ball, editor-chefe da agência literária Palmer, contendo análise do enredo de *O choque das raças ou o presidente negro*, de Monteiro Lobato, e conselhos para o autor⁵².

William David Ball, Editor-chefe da Palmer Literary Agency
(6362 Hollywood Boulevard, Hollywood California)
Mr. J. Manturo Lobato – 205 – 24th St – Jackson Heights, LI, NY
Dear Mr. Lobato:

(1) It has been with more than an average degree of interest that I have read your story THE CLASH OF THE RACES for the material has been entertainingly presented and indicates a rich creative imagination. Unfortunately, however, the central theme is based on subject matter that is particularly difficult to present in this country for it is likely to awaken the bitterest kind of partisanship, and for that reason, publishers are invariably loathe to present it to the reading public.

Your preliminary chapters are very well handled and pave the way for the amazing revelations of Prof. Benson and his daughter in a convincing fashion. You have also succeeded very well in maintaining a thread of intimate personal interest through the love of the narrator Ayrton Lobo for Jane Benson, which would prevent the reader from losing himself in the mazes of fantastic events (2) Had the main complications of your story dealt with almost anything else rather than the negro question, there would have been a better opportunity of placing the manuscript with a publisher. Had you allowed your imagination to play with some mythical invasion or had events dealt particularly with the struggle between the sexes, leading to some significant and entertaining solution instead of being subsidiary action as is presented here, there might be a possibility of finding a market depending of course on the novelty of the solution and the skill in treatment. But when it comes to the negro question, and the suggestion that they are to be entirely exterminated, not even the fact that this event is 300 years in the future, would soften it in the minds of negro readers. The poignancy of the situation and the appeal with which you have endowed the chief negro character James Ridden, would only serve to heighten the undesirable factors in the case. Where you dealing with the invasion of an alien nation, or race,

(3) the reaction would be quite different; but the negro is an American citizen, an integral part of national life, and to suggest his complete extermination through the superior wit and skill of the white race would lead to almost as violent

⁵² SANTANA-DEZMANN, V. *Entre metafísica, distopia e mecenato*. São Paulo: Os Caipiras, 2021, p. 196.

dissension in the mind of readers, as would the presentation of a conflict between two political parties or two religious denominations in which one extirpated the other.

There is no doubt of your ability. Your work reveals a keen sense of the dramatic and highly imaginative qualities. As you proceed with your study of English and of creative writing, I should advise you to pay particular attention to the type of material that is used extensively by American publishers. Canvas the market thoroughly, for this will assist you greatly in your choice of subject material, as you proceed with your own work

(4) Do not look upon this manuscript as lost effort by any means. Keep it on file and later on, when you have been able to gain a fresh perspective on the idea, it is possible that you may be able to retrieve much of the story material, interweaving it with some other problem or thematic idea. I shall look forward with much interest to seeing other examples of your work, and I hope that you are going to derive a vast amount of pleasure and benefit from your study of the course when you are able to proceed with it.

With kindest wishes, I remain. Sincerely, William David Ball. Editor in Chief.

2. Carta datada de 17 de novembro de 1927 de William David Ball, editor-chefe da agência literária Palmer, contendo análise do enredo de O choque das raças ou o presidente negro, de Monteiro Lobato, e conselhos para o autor, traduzida por Vanete Santana-Dezmann⁵³.

17 de novembro de 1927

William David Ball, Editor-chefe da Palmer Literary Agency
(6362 Hollywood Boulevard, Hollywood California)

Mr. J. Manturo Lobato
205 - 24th St
Jackson Heights, LI, NY
Caro Sr. Lobato:

(1) Foi com mais do que um grau médio de interesse que li sua estória THE CLASH OF THE RACES. O material é apresentado de forma divertida e indica uma rica e criativa imaginação. Infelizmente, porém, o tema central é baseado em assunto particularmente difícil para se apresentar neste país, sendo susceptível de despertar o tipo mais amargo de partidatismo e, por esta razão, os editores invariavelmente odeiam [a ideia de] apresentá-lo ao público leitor.

Os seus capítulos preliminares são muito bem tratados e abrem caminho para as incríveis revelações do Dr. Benson e sua filha de uma forma convincente. Também conseguiu muito bem manter um fio de interesse pessoal íntimo por meio do amor do narrador Ayrtton Lobo por Jane Benson, evitando que o leitor se perdesse nos labirintos de acontecimentos fantásticos. (2) Se as principais complicações de sua história tivessem se restringido a essas questões, sem tocar na questão negra [*negro question*, no original], a chance de colocar o manuscrito em uma editora teria sido maior. Se o senhor tivesse permitido à sua imaginação

⁵³ Ibidem, idem.

brincar com alguma invasão mítica ou se os acontecimentos tivessem se referido somente à luta entre os sexos, levando a alguma solução significativa e divertida; em vez de este tema ser uma ação subsidiária, como foi apresentada, poderia haver a possibilidade de encontrar um mercado, dependendo, claro, da novidade da solução e da habilidade no manejo do tema. Mas quando se trata da questão dos negros, e a sugestão de que eles devem ser totalmente exterminados, nem mesmo o fato de este evento se passar 300 anos no futuro o suavizaria na mente dos leitores negros. A pungência da situação e o apelo com que dotou o principal personagem negro, James Ridgen, só serviriam para elevar os fatores indesejáveis do caso. Se mexesse com a invasão por uma nação ou raça estrangeira, (3) a reação seria bastante diferente; mas o negro é um cidadão americano, parte integrante da vida nacional. Sugerir seu completo extermínio através da sagacidade e habilidade superior da raça branca levaria a uma dissensão quase tão violenta na mente dos leitores quanto a apresentação de um conflito entre dois partidos políticos ou duas denominações religiosas em que um extirpasse o outro. Não paira dúvida sobre sua capacidade. Seu trabalho revela um sentido aguçado das qualidades dramáticas e altamente imaginativo. Ao prosseguir seu estudo do inglês e da escrita criativa, aconselho-o a prestar particular atenção ao tipo de material que é amplamente utilizado pelas editoras americanas. Revise bem o mercado, pois isto o ajudará muito na escolha do material a tratar à medida que avança com seu próprio trabalho.

(4) De modo algum considere este manuscrito um esforço perdido. Mantenha-o em arquivo e mais tarde, quando tiver conseguido obter uma nova perspectiva sobre o tema, é possível que consiga recuperar grande parte do material da estória, entrelaçando-o com algum outro problema ou ideia temática. Aguardarei com muito interesse outros exemplos de seu trabalho e espero que faça bom proveito de seu estudo quando for capaz de prosseguir com ele, e que se beneficie dele. Com os melhores cumprimentos. Sinceramente, William David Ball.
Editor-chefe